

Antônio Carlos & Jocáfi

Da Bahia para o Rio e para o mundo

Os cantores e compositores Antônio Carlos Marques Pinto e Jocáfi (José Carlos Figueiredo), nascidos na Bahia, começaram a carreira em 1969, no Festival Internacional da Canção, e fizeram sucesso na década de 1970. Muitas de suas canções foram trilhas sonoras de telenovelas. Canções como “Você abusou” foram sucesso na voz de Maria Creuza e são interpretadas até por astros da música internacional. *Tópicos* entrevistou a dupla no Rio de Janeiro.

ENTREVISTA: DANIEL KATZENSTEIN PONTES E PAULA KATZENSTEIN*

Tópicos: Como foi o início da carreira de cada um de vocês?

Antônio Carlos: Eu comecei em Salvador tocando na Orquestra do Maestro Carlos Lacerda e depois, em 1967, fui para São Paulo, tocar num festival muito famoso da época, o festival da Record, e comecei minha vida profissional praticamente lá.

Jocáfi: Eu comecei a minha carreira também em Salvador, como o Antônio Carlos, nos festivais estudantis da cidade, do povo da Bahia mesmo. Eram festivais de televisão.

Existe algum processo criativo que vocês costumam adotar? Como funciona a parceria? Quem costuma criar o que ou tudo é resultado natural do processo? Vocês compõem muito ainda?

Antônio Carlos: Nós temos umas duzentas músicas inéditas ainda. Fazemos tudo sempre juntos, letra e música. Não existe Antônio Carlos sem Jocáfi nem Jocáfi sem Antônio Carlos.

Jocáfi: Nosso processo de criação é o processo de tudo aquilo que a gente vem amalhando ao longo da nossa vida, pelo menos em relação à parte musical. Teve uma parte que aprendemos – a música erudita – e teve outra parte de música popular, o samba de roda, as coisas da Bahia, inclusive nas letras. São coisas geralmente oriundas das experiências que nós tivemos na Bahia como em todo o Brasil, das coisas que aprendemos com o povo brasileiro.

Qual é a sensação de vocês de poderem explorar sua própria criatividade

transformando-a em canções que ficaram eternizadas? Quando vocês se deram conta de que isso seria possível?

Antônio Carlos: Eu achei que seria possível desde a primeira vez que eu tentei fazer alguma coisa, pois eu sempre pensei em fazer alguma coisa que desse certo. Eu acho que a criação é uma coisa que nasce dentro da gente. Uma pessoa que não acredita que o que ela fizer vai dar certo não vai pra frente nunca. Nós somos os primeiros críticos da nossa produção e, no caso de dupla, melhor ainda, pois um pode falar diretamente sobre o trabalho do outro.

Jocáfi: E essa é a nossa história. Todo compositor, pelo menos os baianos, tem essa mesma visão sobre o que Antônio Carlos falou agora.

A música pode falar sobre muitas coisas. Para vocês sobre o quê a música se presta melhor a dizer: vida, amor, personagens fictícios ou reais, política?

Antônio Carlos: O músico é um repórter do seu tempo, portanto nós temos que passar todo tipo de informação possível. Falar de amor, de política, de tudo o que está acontecendo, de bom e de ruim.

Jocáfi: Música é tudo.

Qual a opinião de vocês sobre o panorama artístico brasileiro da atualidade? Existe algum artista, afora os que já gravaram as canções da dupla, com o qual vocês se identificam?

Antônio Carlos: Alguém que não haja gravado as nossas canções? Bem,

quase todos os artistas brasileiros de renome já gravaram o nosso repertório. Mas, como nós somos uma dupla, isso não quer dizer que o Jocáfi pense como eu...

Jocáfi: Mas nesse caso eu irei concordar com Antônio Carlos. É uma verdade o que ele irá dizer.

Antônio Carlos: Eu gosto muito de Gilberto Gil, que já gravou nosso trabalho, Luís Gonzaga, Elis Regina, e por aí vai...

Jocáfi: São essas pessoas que já gravaram nossas canções com as quais nós nos identificamos. Stevie Wonder, que é um dos nossos ídolos, canta música nossa.

Antônio Carlos: Celia Cruz, José Feliciano, Ella Fitzgerald...

Jocáfi: Djavan, Chico Buarque, até Vinícius de Moraes já gravaram música da gente...

Vocês foram responsáveis por várias canções que fizeram parte de trilhas de telenovelas. Os diretores encomendavam as peças ou eles baseavam alguns traços dos personagens nas músicas que vocês próprios traziam? Ter feito trilhas para as telenovelas influenciou de alguma maneira o sucesso da dupla?

Antônio Carlos: Nós fizemos trilhas para a Rede Globo, que é a emissora de TV mais famosa do país, inclusive houve duas novelas com trilhas totalmente compostas por nós. Ou seja, nós tínhamos os nossos sucessos, da dupla, que vinham dos nossos próprios discos e outros que vinham das novelas.

Jocáfi: Algumas vezes vinha o roteiro da própria emissora para que nós criássemos a música do personagem.

* Entrevista criada e redigida por Daniel Katzenstein Pontes, músico e compositor, natural do Rio de Janeiro que reside atualmente em Bonn. Paula Katzenstein conversou com a dupla no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro.



Antônio Carlos & Jocáfi

Antônio Carlos: Uma das nossas especialidades é exatamente essa, dentro do nosso processo criativo: já realizamos um trabalho com 45 músicas sobre a obra de Jorge Amado, outro com 12 músicas sobre o rio São Francisco. Compomos para o filme francês *Odália da Bahia*, de Marcel Camus, o mesmo diretor do *Orfeu Negro*. Não dá para compor sem o personagem, não dá para adaptar nossa música ao personagem.

A dupla possui uma longa trajetória. Em todo esse tempo que vocês trabalham juntos houve algum momento em que um dos dois buscou seu caminho artístico paralelo?

Jocáfi: Não, sempre fizemos o nosso trabalho em conjunto, todo o trabalho é realizado pela dupla e também não tivemos nenhum trabalho paralelo até então.

Como foi na época do governo militar no Brasil, tentar se expressar livremente e ainda poder sofrer, além dos cortes da censura, acusações de subversão, o que a maioria dos artistas daquele momento enfrentou?

Jocáfi: No Brasil isso foi péssimo, pois o compositor não era livre para

dizer o que lhe vinha na alma. Foi uma época em que você tinha que escolher a palavra que iria colocar no seu poema, e isso era muito difícil. Foi uma época de chumbo, a época em que a musicalidade brasileira mais sofreu artisticamente, no período em que os militares comandaram o país.

Antônio Carlos: Eu, depois de velho, cheguei à seguinte conclusão, que essas coisas não tiram a criatividade do artista e sim dão criatividade ao artista. Nós trabalhamos com palavras, com idéias. Nessa época a gente tinha o que dizer e tinha quem ouvisse. Depois veio a se falar sobre as mulheres, por exemplo. Hoje por que a música está acabando? Porque não tem mais assunto. Até um fato ruim tem seu lado bom, como foi no caso da ditadura militar.

Jocáfi: Eu concordo nesse aspecto.

Bahia-Rio de Janeiro... Rio de Janeiro-Bahia. Em quais aspectos as duas cidades se parecem, já que vocês trocaram a Bahia pelo Rio?

Antônio Carlos: Nós não trocamos em nenhum momento a Bahia pelo Rio, simplesmente na nossa época não havia a possibilidade de se fazer sucesso morando em Salvador. Então nós tivemos que enfrentar primeiro

São Paulo e depois o Rio de Janeiro. Eu fui casado com a cantora Maria Creuza e, em 1967, fui enfrentar São Paulo junto com ela num festival. Depois, em 1969, vim com Jocáfi para o Rio de Janeiro, só com o dinheiro da passagem e estamos aqui até hoje.

A evolução tecnológica modificou drasticamente tanto a maneira de se fazer música hoje em dia, quanto à forma de disseminação do produto artístico final. Vocês utilizam alguns dos mecanismos disponíveis atualmente para compor, lançar novas canções ou simplesmente escutar música?

Antônio Carlos: Vocês estão diante de uma pessoa que escreve livros, romances, à mão, com a caneta. Eu não sei mexer com computador.

Jocáfi: Nós ainda jogamos no tempo antigo, fazemos música escrevendo no papel. (Risos).

A música brasileira possui estética e personalidade próprias. Não é de hoje que artistas do exterior gravam e admiram a nossa maneira de cantar. Como foi escutar sua canção naquele momento, tanto pela voz do ícone Stevie Wonder como pelas vozes de milhares de pessoas que estavam no festival Rock In Rio 2011? Vocês estavam cientes de que sua canção seria apresentada por ele?

Jocáfi: Nós tivemos uma herança muito boa vinda da Europa e depois recebemos uma herança muito mais importante vinda dos negros africanos. Essa união de heranças, essa mescla, moldou a musicalidade brasileira. Foi muito gratificante, uma coisa muito gostosa o Stevie Wonder cantar uma música nossa. Devido a essa herança que nós possuímos, sem querer, fizemos uma música universal, uma música de que todo mundo gosta.

Antônio Carlos: Outra coisa: eu falei sobre Gilberto Gil. Não é a primeira vez que Stevie Wonder canta Antônio Carlos e Jocáfi. Na outra vez em que ele esteve aqui no Brasil, no festival Free Jazz, ele também cantou Antônio Carlos e Jocáfi, e justamente com Gil. É muito bacana. Sempre que ele vem aqui, ele canta música da gente.

Muito obrigado pela entrevista. ■